



LEIGH BARDUGO

AUTORA SENSACÃO DO GRISHAVERSE

SEIS
DE
CORVOS

LIVRO 1

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso sexual

Capacitismo

Discriminação

Genocídio

Luto

Morte

Perseguição

Rapto

Servidão

Tortura

Tráfico humano (crianças)

Vício em drogas

Vício no jogo

Violência

*Para a Kayte,
arma secreta e amiga inesperada*

ILHA
ERRANTE

LEFLIN

NOVYI
ZEM

WEDDLE

JELKA

VILKI

VIA DOS OSSOS

PORTO VERMELHO

PORTO DE EAMES

SHRIFTPORT

EAMES
CHIN

COFTON

MAR
VERDADEIRO

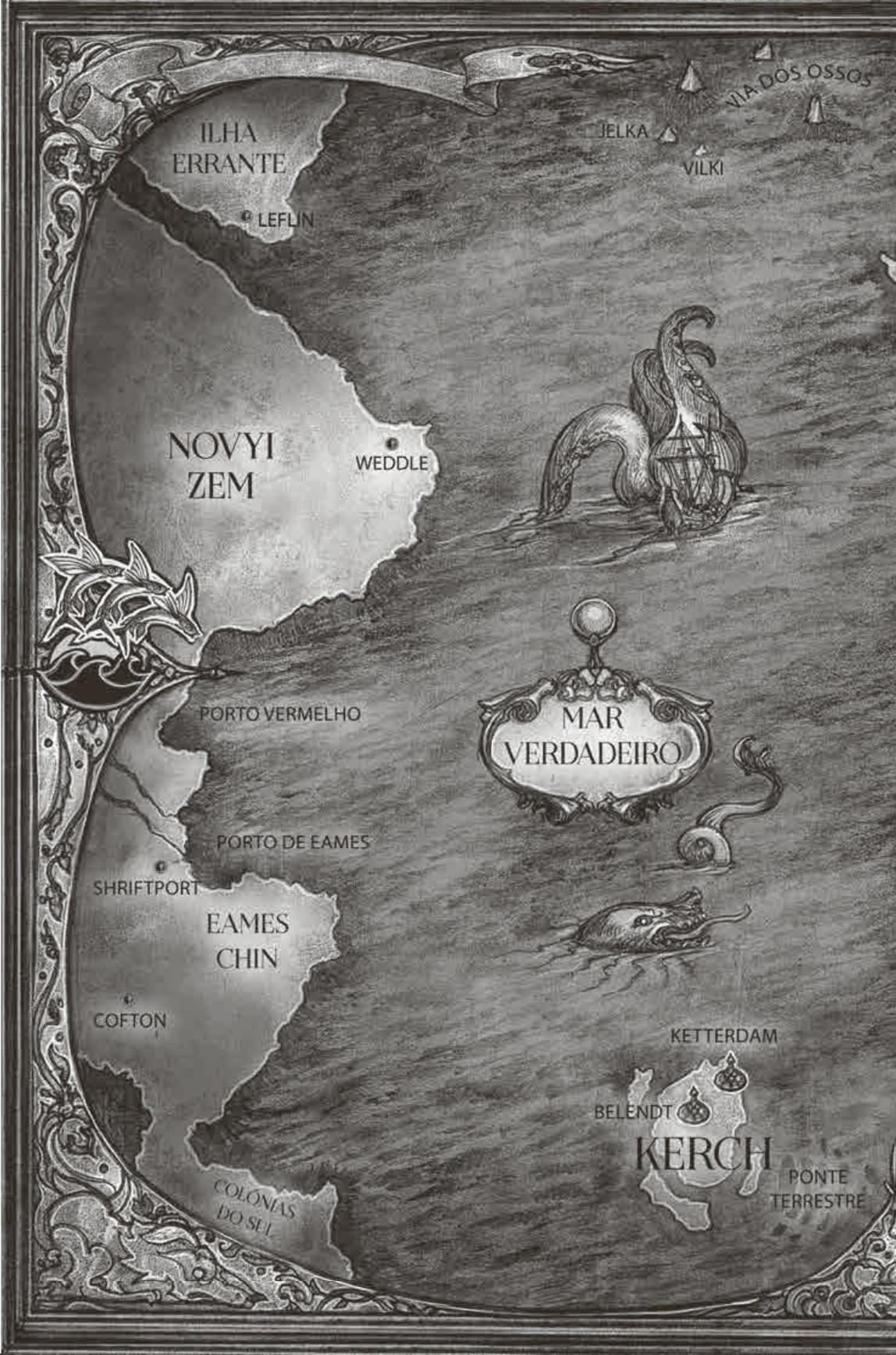
KETTERDAM

BELENDT

KERCH

PONTE
TERRESTRE

COLONIAS
DO SEL





ISENVEE

KENST HJERTE

ELLING

OVERUT

AVFALLE

FJERDA

ELBJEN



DJERHOLM

PERMAFROST

TSIBEYA

UNSEA

KRIBIRSK

OS
KERVO



OS ALTA

KERAMZIN

TSEMNA

SIKURZOI

BHEZ JU

KOBA

SHU HAN



AHMRAT JEN



SETOR
PRISIONAL

PORTÃO

HOMENS

ESTÁBULOS

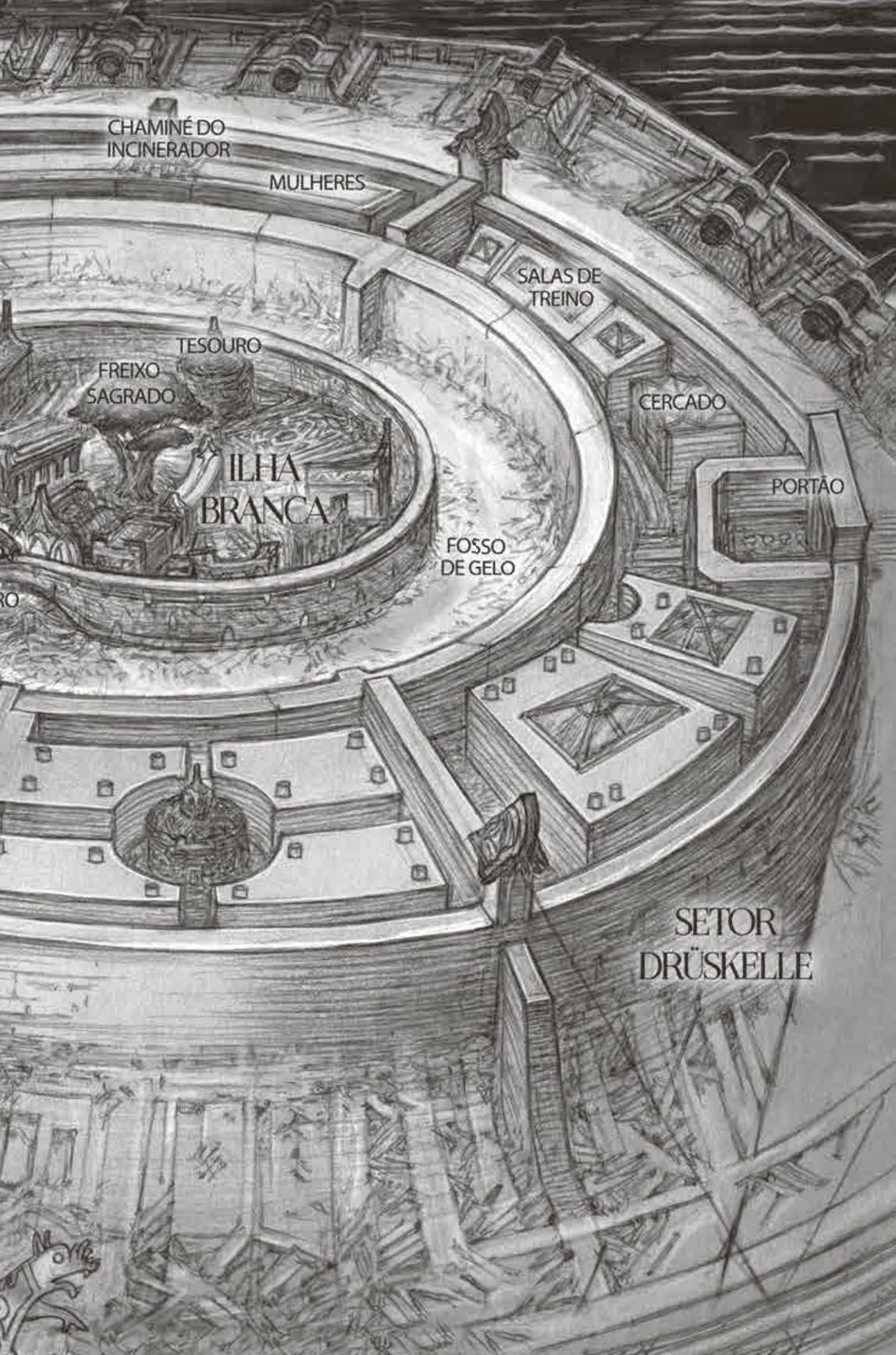
Elderclock

SETOR DAS
EMBAIXADAS

PONTE DE VIDA

PORTÃO

FORTALEZA
DE GELO



CHAMINÉ DO
INCINERADOR

MULHERES

SALAS DE
TREINO

TESOURO

FREIXO
SAGRADO

CERCADO

ILHA
BRANCA

PORTÃO

FOSSO
DE GELO

SETOR
DRÜSKELLE



OS GRISHA

Soldados do Segundo Exército
Mestres da Pequena Ciência

©CORPORALKI

(ORDEM DOS VIVOS E DOS MORTOS)

Heartrenders

Healers

⌘THEREALKI

(ORDEM DOS INVOCADORES)

Squallers

Inferni

Tidemakers

ⓂATERIALKI

(ORDEM DOS FABRIKATORS)

Durasts

Alkemi

PARTE UM

NEGÓCIO DE
SOMBRAS

I

JOOST

Joost tinha dois problemas: a lua e o bigode.

Devia estar a fazer a sua ronda na casa dos Hoede, mas há 15 minutos que estava a pairar junto à parede sudeste dos jardins, a tentar pensar em algo inteligente e romântico para dizer a Anya.

Se ao menos os olhos dela fossem azuis como o mar ou verdes como uma esmeralda. Em vez disso, os seus olhos eram castanhos — lindos, sonhadores... castanhos como chocolate derretido? Castanhos como a pele de um coelho?

— Diz-lhe apenas que tem a pele alva como o luar — havia-lhe dito o seu amigo Pieter. — As raparigas adoram isso.

Uma solução perfeita, mas o tempo em Ketterdam não estava a colaborar. Não corria uma brisa vinda do porto naquele dia, e uma névoa cinzenta envolvia os canais e as ruelas tortuosas da cidade. Mesmo aqui, entre as mansões de Geldstraat, o ar estava pesado com o cheiro a peixe e água estagnada, e o fumo das refinarias nas ilhas periféricas da cidade manchava o céu noturno com uma névoa salgada. A lua cheia parecia menos uma joia e mais uma bolha de pus amarelada que precisava de ser rebentada.



E se elogiasse o riso de Anya? Só que ele nunca a tinha ouvido rir. Não tinha muito jeito para piadas.

Joost olhou para o seu reflexo num dos painéis de vidro das portas duplas que davam acesso ao jardim lateral da casa. A sua mãe tinha razão. Mesmo com a farda nova, ele ainda parecia um bebé. Gentilmente, passou o dedo pelo lábio superior. Se ao menos o seu bigode crescesse. Mas sem dúvida que parecia mais espesso do que ontem.

Era guarda na *stadwatch* há menos de seis semanas, um cargo que não era, nem de perto nem de longe, tão emocionante como ele esperava. Tinha na ideia que estaria a perseguir ladrões no Barrel ou a patrulhar os portos, sendo o primeiro a ver as cargas que chegavam ao cais. Mas, desde o assassinato daquele embaixador nos Paços do Concelho que o Conselho Mercantil reclamava da segurança, por isso, onde estava ele? A dar voltas à casa de um mercador sortudo. Mas não era um mercador qualquer. O conselheiro Hoede era uma das pessoas mais influentes do Governo de Ketterdam. O tipo de homem que podia ajudá-lo a fazer carreira.

Joost ajeitou o casaco e a espingarda, depois deu uma palmeada no bastão que trazia à cintura. Talvez Hoede gostasse dele. *Olhos perspicazes e rápido com o bastão*, diria Hoede. *Este tipo merece uma promoção.*

— Sargento Joost Van Poel — sussurrou, saboreando o som das palavras. — *Capitão* Joost Van Poel.

— Acaba lá com as peneiras.

Joost virou-se e corou quando Henk e Rutger entraram no jardim lateral. Ambos eram mais velhos, maiores e mais largos de ombros do que Joost, e eram guardas da casa, funcionários privados do conselheiro Hoede. Isso significava que envergavam uma farda em tons de verde-claro — as suas cores —, estavam armados com espingardas sofisticadas de Novyi Zem e nunca deixavam Joost esquecer que era um novato da guarda da cidade.

— Afagar essa penugem não vai fazer com que cresça mais depressa — disse Rutger, com uma gargalhada.

Joost tentou evocar alguma dignidade.

— Preciso de terminar a minha ronda.

Rutger deu uma cotovelada a Henk.

— Isso significa que vai enfiar a cabeça na oficina dos Grisha para espreitar a namorada.

— *Oh, Anya, usa a tua magia Grisha para fazer crescer o meu bigode* — troçou Henk.

Joost virou-se, com a cara em brasa, e caminhou pelo lado leste da casa. Tinham estado a zombar dele desde que chegara. Se não fosse por Anya, provavelmente teria implorado ao seu capitão para ser transferido. Ele e Anya só trocavam algumas palavras durante as rondas, mas ela era sempre a melhor parte da sua noite.

E Joost tinha de admitir que também gostava da casa de Hoede, pelo pouco que conseguia ver através das janelas. Hoede tinha uma das mansões mais grandiosas de Geldstraat — pisos decorados com quadrados brilhantes de pedra preta e branca, e paredes de madeira escura iluminadas por candelabros de vidro soprado, que flutuavam como medusas perto dos tetos em caixotões. Às vezes, Joost gostava de fingir que aquela era a sua casa, que ele era um rico mercador que tinha saído para dar um passeio pelo seu belo jardim.

Antes de dobrar a esquina, Joost respirou fundo. *Anya, os teus olhos são castanhos como... casca de árvore?* Haveria de desencantar alguma. Fosse como fosse, mais valia ser espontâneo.

Ficou espantado ao ver as portas com painéis de vidro da oficina dos Grisha abertas. Mais do que os azulejos pintados à mão na cozinha ou as cornijas da lareira repletas de vasos de tulipas, aquela oficina revelava bem a riqueza de Hoede. Contratar um Grisha não saía barato, e Hoede contava com três.



Mas Yuri não estava sentado à longa mesa de trabalho e Anya não estava em lado nenhum. Só Retvenko é que estava na oficina, esparramado numa cadeira com uma túnica azul escura, os olhos fechados e um livro aberto sobre o peito.

Joost pairou junto à porta, depois pigarreou.

— Estas portas devem estar fechadas e trancadas à noite.

— Esta casa é um forno — disse Retvenko, sem abrir os olhos, com o seu sotaque Ravkan forte e arrastado. — Diz ao Hoede que fecho as portas quando parar de suar.

Retvenko era um Squaller, mais velho do que os outros Grisha e já com cabelos grisalhos. Corriam rumores de que havia lutado pelos derrotados na guerra civil de Ravka e fugido para Kerch após os combates.

— Terei todo o prazer em apresentar as tuas queixas ao conselheiro Hoede — mentiu Joost. A casa estava sempre muito quente, como se Hoede tivesse a obrigação de queimar carvão, mas não seria Joost a reclamar. — Até lá...

— Tens notícias do Yuri? — interrompeu Retvenko, abrindo finalmente os olhos com pálpebras pesadas.

Joost olhou inquieto para as taças de uvas vermelhas e para as pilhas de veludo cor de vinho que estavam sobre a mesa de trabalho. Yuri tinha estado a extrair a cor das uvas para tingir cortinas para a senhora Hoede, mas tinha ficado gravemente doente alguns dias antes, e Joost não o via desde então. A poeira começava a acumular-se sobre o veludo, e as uvas já estavam a ficar azedas.

— Não soube de nada.

— Claro que não. Estás demasiado ocupado a pavonear-te com essa farda roxa ridícula.

O que tinha a sua farda de errado? E o que fazia Retvenko ali? Ele era o Squaller pessoal de Hoede e viajava frequentemente com as cargas mais preciosas do mercador, garantindo ventos



favoráveis para levar os navios com segurança e rapidez até ao porto. Porque não estava ele no mar?

— Acho que o Yuri pode estar em quarentena.

— Mas que útil que tu és — disse Retvenko, com um sorriso sarcástico. — Podes parar de esticar o pescoço como um ganso ansioso — acrescentou. — A Anya já saiu.

Joost voltou a ruborizar.

— Para onde foi? — perguntou, tentando soar autoritário. — Não devia estar na rua depois do anoitecer.

— O Hoede veio buscá-la há uma hora. Tal como tinha vindo buscar o Yuri.

— Como assim, buscar o Yuri? O Yuri adoeceu.

— O Hoede veio buscar o Yuri, o Yuri voltou doente. Dois dias depois, o Yuri desapareceu para sempre. Agora foi a Anya.

Para sempre?

— Talvez tenha havido uma emergência. Se alguém precisava de ser curado...

— Primeiro o Yuri, agora a Anya. Eu serei o próximo, e ninguém vai reparar, exceto o pobre do guarda Joost. Vai-te lá embora.

— Se o conselheiro Hoede...

Retvenko levantou um braço e uma rajada de ar empurrou Joost para trás. Joost esforçou-se para manter o equilíbrio, agarrando-se à soleira da porta.

— Eu disse para te ires embora. — Retvenko traçou um círculo no ar e a porta fechou-se com um estrondo. Joost soltou-se a tempo de evitar que os dedos ficassem entalados e caiu no jardim lateral.

Levantou-se o mais depressa que pôde e limpou a sujidade da farda, com a vergonha a roer-lhe o estômago. Um dos vidros da porta rachou com a força. Através dele, conseguiu ver o Squaller a sorrir.

— Isto vai ser descontado do teu ordenado — ameaçou Joost, apontando para o vidro partido. Detestou que a sua voz soasse pequena e mesquinha.



Retvenko acenou com a mão e as portas tremeram nas dobradiças. Sem querer, Joost deu um passo atrás.

— Vai lá fazer a tua ronda, cãozinho de guarda — atirou Retvenko.

— Até correu bem — riu-se Rutger, encostado ao muro do jardim. Há quanto tempo estava ele ali?

— Não tens nada melhor para fazer do que andar atrás de mim? — inquiriu Joost.

— Todos os guardas devem apresentar-se na casa dos barcos. Até tu. Ou estás muito ocupado a fazer amigos?

— Eu estava a pedir-lhe para fechar a porta.

Rutger abanou a cabeça.

— Tu não pedes. Tu ordenas. Eles são servos. Não são convidados de honra.

Joost começou a andar ao lado dele, ainda a sentir a humilhação por dentro. O pior era que Rutger tinha razão. Retvenko não tinha o direito de falar com ele daquela maneira. Mas o que podia ele fazer? Mesmo que tivesse coragem de enfrentar um Squaller, seria como andar à bulha com uma jarra cara. Os Grisha não eram apenas servos; eram bens preciosos de Hoede.

E o que quis Retvenko dizer com aquilo de Yuri e Anya terem sido levados? Estaria ele a encobrir Anya? Os Grisha eram mantidos em casa por um bom motivo. Andar pelas ruas sem proteção era arriscar-se a ser capturado por um traficante de escravos e nunca mais ser visto. *Talvez ela tenha ido ter com alguém*, especulou Joost com tristeza.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo clarão e pela agitação na casa dos barcos que ficava de frente para o canal. Do outro lado da água, podia ver outras casas de mercadores, altas e esguias, com os telhados muito direitos a formar uma silhueta escura contra o céu noturno, os jardins e as casas dos barcos iluminados por lanternas brilhantes.

Algumas semanas antes, Joost tinha sido informado de que a casa de barcos de Hoede estaria em obras e que deveria riscá-la das suas rondas. Mas quando ele e Rutger entraram, não viram tinta nem andaimes. As gôndolas e os remos tinham sido empurrados contra as paredes. Os outros guardas da casa estavam lá com as suas fardas verdes, e Joost reconheceu dois guardas da *stadwatch* vestidos de roxo. Mas a maior parte do interior estava ocupada por uma enorme caixa — uma espécie de cela autónoma que parecia ser feita de aço reforçado, com junções crivadas de rebites e uma enorme janela embutida numa das paredes. O vidro tinha uma curvatura ondulada e, através dele, Joost podia ver uma rapariga sentada a uma mesa, agarrando com força nas sedas vermelhas à sua volta. Atrás dela, um guarda da *stadwatch* estava em sentido.

Anya, percebeu Joost com um sobressalto. Os seus olhos castanhos estavam arregalados e assustados, a pele pálida. O menino sentado à sua frente parecia estar ainda mais assustado. O cabelo estava desgrenhado e as pernas balançavam na cadeira, enquanto ele pontapeava nervosamente o ar.

— Para que são tantos guardas? — perguntou Joost. Deviam ser mais de dez amontoados na casa de barcos. O conselheiro Hoede também estava lá, juntamente com um mercador que Joost não conhecia, ambos vestidos com as roupas pretas dos mercadores. Joost endireitou-se ao ver que estavam a falar com o capitão da *stadwatch*. Só esperava ter conseguido limpar toda a lama da farda. — O que se passa?

Rutger encolheu os ombros.

— O que é que interessa? Dá para quebrar a monotonia.

Joost espreitou através do vidro. *Anya* estava a olhar para ele, com o olhar desfocado. No seu primeiro dia na casa dos Hoede, ela tinha-lhe curado uma contusão na bochecha. Não era nada de mais, apenas os resquícios amarelo-esverdeados de



uma pancada que ele havia sofrido no rosto durante um exercício de treino, mas aparentemente Hoede tinha reparado e não gostava que os seus guardas parecessem bandidos. Joost foi enviado para a oficina dos Grisha, e Anya sentou-o num quadrado iluminado pela luz do sol do final do inverno. Os seus dedos frios passaram pela pele dele e, embora a comichão fosse horrível, segundos depois, era como se a contusão nunca tivesse existido.

Quando Joost lhe agradeceu, Anya sorriu e ele derreteu-se. Mas sabia que a sua causa já estava perdida desde início. Mesmo que ela tivesse algum interesse nele, Joost nunca teria dinheiro para resgatar o contrato que Anya tinha com Hoede, e ela nunca se casaria, a menos que Hoede assim o decretasse. Mas isso não o impedia de passar pela oficina para dizer olá ou para lhe levar pequenos presentes. O preferido dela tinha sido o mapa de Kerch, um desenho fantasioso da sua nação insular, rodeada por sereias a nadar no Mar Verdadeiro e navios impulsionados por ventos representados por homens de bochechas gordas. Era uma lembrança barata, daquelas que os turistas compravam ao longo do East Stave, mas parecera agradar-lhe.

Agora, arriscou levantar a mão em jeito de saudação. Anya não reagiu.

— Ela não te vê, idiota — gozou Rutger. — O vidro é espelhado do outro lado.

Joost corou.

— Querias que eu adivinhasse?

— Abre os olhos e presta atenção, por uma vez que seja.

Primeiro o Yuri, agora a Anya.

— Para que precisam de uma Healer? O rapaz está ferido?

— Parece-me bem.

O capitão e Hoede pareciam ter chegado a algum tipo de acordo.

Através do vidro, Joost viu Hoede entrar na cela e dar uma palmada encorajadora ao rapaz. Devia haver aberturas de ventilação na cela, porque ele ouviu Hoede dizer:

— Se fores um rapaz corajoso, podes ganhar uns *kruge*. — Depois, agarrou o queixo de Anya com uma mão manchada. Ela ficou tensa e Joost sentiu um aperto no estômago. Hoede abanou um pouco a cabeça de Anya. — Faz o que te mandam e isto acaba num instante, *ja*?

Ela esboçou um pequeno sorriso forçado.

— Claro, Onkle.

Hoede sussurrou algumas palavras ao guarda atrás de Anya, depois saiu. A porta fechou-se com um estrondo e Hoede correu uma tranca pesada.

Hoede e o outro mercador posicionaram-se quase diretamente diante de Joost e Rutger. O mercador que Joost não conhecia disse:

— Tens a certeza de que isto é boa ideia? Esta rapariga é uma Corporalnik. Depois do que aconteceu ao teu Fabrikator...

— Se fosse o Retvenko, eu estaria preocupado. Mas a Anya tem uma índole doce. Ela é uma Healer. Não é propensa à agressão.

— E diminuíste a dose?

— Sim, mas estamos de acordo que, se acontecer o mesmo que aconteceu ao Fabrikator, serei compensado pelo Conselho, certo? Não posso ser eu a arcar com a despesa.

Quando o mercador acenou com a cabeça, Hoede fez sinal ao capitão.

— Avance.

O mesmo resultado que tivemos com o Fabrikator. Retvenko disse que Yuri tinha desaparecido. Estaria a referir-se a isto?

— Sargento — chamou o capitão —, tudo a postos?

O guarda que estava no interior da cela respondeu:

— Sim, senhor. — E sacou de uma faca.

Joost engoliu em seco.





— Primeiro teste — disse o capitão.

O guarda inclinou-se para a frente e disse ao rapaz para arregaçar a manga. O rapaz obedeceu e esticou o braço, colocando o polegar da outra mão na boca. *És demasiado velho para isso*, pensou Joost. Mas o rapaz devia estar muito assustado. Joost tinha dormido com um ursinho quase até aos 14 anos, o que suscitava a chacota implacável dos seus irmãos mais velhos.

— Isto vai doer um bocadinho — disse o guarda.

O rapaz manteve o polegar na boca e acenou com a cabeça, com os olhos arregalados.

— Isto não é necessário... — começou Anya.

— Silêncio, por favor — disse Hoede.

O guarda deu uma palmadinha no rapaz e, em seguida, fez um corte vermelho brilhante no seu antebraço. O rapaz começou a chorar de imediato.

Anya tentou levantar-se da cadeira, mas o guarda colocou uma mão firme no seu ombro.

— Está tudo bem, sargento — disse Hoede. — Ela pode curá-lo.

Anya inclinou-se para a frente, pegando na mão do rapaz com ternura.

— Shhh — acalmou-o. — Deixa-me ajudar.

— Vai doer? — perguntou o rapaz, engolindo em seco.

Ela sorriu.

— Claro que não. É só uma impressão. Tenta não te mexer, sim?

Joost deu por si a inclinar-se para mais perto. Nunca tinha visto Anya curar alguém.

Ela tirou um lenço da manga e limpou o excesso de sangue. Em seguida, os seus dedos passaram cuidadosamente sobre a ferida do rapaz. Joost observou com espanto enquanto a pele restaurada se unia lentamente.

Alguns minutos depois, o rapaz sorriu e estendeu o braço. Estava vermelho, mas, fora isso, estava liso e sem marcas.

— Isso foi magia?

Anya tocou-lhe no nariz com um dedo.

— De certa forma, sim. A mesma magia que o teu corpo produz com tempo e uma ligadura.

O rapaz pareceu quase desapontado.

— Ótimo, ótimo — disse Hoede, impaciente. — Agora, o *parem*. Joost franziu a testa. Nunca tinha ouvido aquela palavra.

O capitão fez sinal ao sargento.

— Segunda sequência.

— Estica o braço — repetiu o sargento ao rapaz. Este abanou a cabeça.

— Não gosto dessa parte.

— Estica.

O lábio inferior do rapaz tremeu, mas ele esticou o braço. O guarda cortou-o mais uma vez. Em seguida, colocou um pequeno envelope de papel pardo na mesa à frente de Anya.

— Engole o conteúdo do envelope — instruiu Hoede a Anya.

— O que é isto? — perguntou ela, com a voz trémula.

— Isso não é da tua conta.

— *O que é isto?* — repetiu ela.

— Não vai matar-te. Vamos pedir que executes algumas tarefas simples para avaliar os efeitos da droga. O sargento vai garantir que fazes apenas o que te for pedido e nada mais, entendido?

Ela cerrou os dentes, mas acenou com a cabeça.

— Ninguém te vai fazer mal — disse Hoede. — Mas lembra-te, se fizeres mal ao sargento, não terás como sair dessa cela. As portas estão trancadas por fora.

— O que é aquilo? — sussurrou Joost.

— Não sei — disse Rutger.

— O que sabes tu, afinal? — murmurou ele.



— Sei que devo manter a boca fechada.

Joost franziu o cenho.

Com as mãos trémulas, Anya pegou no pequeno envelope e abriu a aba.

— Vamos — instou Hoede.

Ela inclinou a cabeça para trás e engoliu o pó. Por instantes, ficou sentada, à espera, com os lábios cerrados.

— É só *jurda*? — perguntou ela, esperançosa. Joost tinha a mesma esperança. *Jurda* era uma substância inócua, um estimulante que todos os guarda mastigavam para ficarem acordados durante os turnos noturnos.

— A que sabe? — perguntou Hoede.

— Sabe a *jurda*, mas mais doce. É... — Anya inspirou profundamente. As suas mãos agarraram a mesa, as pupilas dilataram-se tanto que os seus olhos ficaram quase pretos. — Ohhh — disse ela, suspirando. Era quase um ronronar.

O guarda apertou-lhe o ombro com mais força.

— Como te sentes?

Ela olhou para o espelho e sorriu. A língua espreitava por entre os dentes brancos, manchada com a cor da ferrugem. Joost sentiu um frio repentino.

— Tal como aconteceu com o Fabrikator — murmurou o mercador.

— Cura o rapaz — ordenou Hoede.

Ela acenou com a mão no ar, num gesto quase desdenhoso, e o corte no braço do rapaz fechou-se instantaneamente. O sangue ergueu-se brevemente da pele, em gotículas vermelhas, e depois desapareceu. A pele parecia perfeitamente lisa, sem qualquer vestígio de sangue ou vermelhidão. O rapaz sorriu radiante.

— Isto foi mesmo magia.

— Parece ser magia — disse Anya, com o mesmo sorriso sinistro.

— Ela não tocou nele — disse o capitão, assombrado.

— Anya — disse Hoede. — Escuta com atenção. Vamos dizer ao guarda para fazer o próximo teste.

— Hmmm — murmurou Anya.

— Sargento — instruiu Hoede. — Corte o polegar do rapaz.

O rapaz gritou e começou a chorar novamente. Enfiou as mãos debaixo das pernas para as proteger.

Eu devia pôr fim a isto, pensou Joost. Devia arranjar maneira de a proteger, de os proteger aos dois. Mas e depois? Ele não era ninguém, era novo na stadwatch, novo naquela casa. Além disso, apercebeu-se, constrangido, não quero perder o emprego.

Anya limitou-se a sorrir e inclinou a cabeça para trás, para olhar para o sargento.

— Dispara contra o vidro.

— O que disse ela? — perguntou o mercador.

— Sargento! — gritou o capitão.

— Dispara contra o vidro — repetiu Anya. A expressão do sargento ficou vazia. Inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse a ouvir uma melodia distante, depois tirou a espingarda do ombro e apontou para a janela de observação.

— Baixem-se! — gritou alguém.

Joost atirou-se para o chão, tapando a cabeça enquanto o som rápido dos tiros enchia os seus ouvidos e pedaços de vidro choviam sobre as suas mãos e costas. Os seus pensamentos eram um clamor de pânico. A sua mente tentou negar, mas ele sabia o que tinha acabado de ver. Anya ordenou ao sargento que disparasse contra o vidro. Ela *obrigou-o* a fazer aquilo. Mas era impossível. Os Grisha Corporalki eram especialistas no corpo humano. Podiam parar corações, desacelerar respirações, partir ossos. Mas não podiam invadir pensamentos.

Por instantes, houve silêncio. Logo a seguir, Joost levantou-se juntamente com os outros e pegou na espingarda. Hoede e o capitão gritaram ao mesmo tempo.



— Agarrem-na!

— Disparem!

— Sabe quanto dinheiro é que ela vale? — retrucou Hoede. —
Alguém que a agarre! Não disparem!

Anya levantou as mãos, com as mangas vermelhas abertas.

— Espera — disse ela.

O pânico de Joost desapareceu. Ele sabia que tinha ficado assustado, mas o medo era agora uma realidade distante. Estava cheio de expectativa. Não tinha a certeza do que estava para acontecer, nem quando, apenas que iria acontecer e que era essencial estar pronto para o enfrentar. Podia ser bom ou mau. Ele não se importava. O seu coração estava livre de preocupações e desejos. Não ansiava por nada, não queria nada, a sua mente estava em paz, a respiração constante. Só precisava de *esperar*.

Viu Anya levantar-se e pegar no rapaz. Ouviu-a cantar com ternura para ele, uma canção de embalar de Ravka.

— Abra a porta e entre, Hoede — disse ela. Joost ouviu as palavras, compreendeu-as, esqueceu-as. Hoede caminhou até à porta e deslizou a tranca. Entrou na cela de aço. — Faça o que lhe mandam e isto acaba num instante, *ja?* — murmurou Anya, com um sorriso. Os seus olhos eram negros e profundos como poços sem fundo. A sua pele estava iluminada, brilhante, incandescente. Um pensamento passou pela mente de Joost: *bela como a lua*.

Anya alternou o peso do rapaz nos braços.

— Não olhes — murmurou ela, contra o seu cabelo. — Agora — disse a Hoede —, pegue na faca.

2

INEJ

Kaz Brekker não precisava de um motivo. Eram essas as palavras sussurradas nas ruas de Ketterdam, nas tabernas e cafés, nos becos escuros e sangrentos do bairro do prazer conhecido como Barrel. O rapaz a quem chamavam Dirtyhands não precisava de um motivo, assim como não precisava de pedir autorização, quer fosse para partir uma perna, romper uma aliança ou mudar a sorte de um homem com o virar de uma carta.

Claro que estavam errados, pensou Inej, enquanto atravessava a ponte sobre as águas negras do Beurskanal em direção à praça principal deserta diante da Bolsa. Cada ato de violência era deliberado e cada favor acarretava restrições que lembrariam um espetáculo de marionetas. Kaz tinha *sempre* os seus motivos. Mas Inej nunca podia garantir que fossem os melhores. E muito menos esta noite.

Inej verificou as suas facas, recitando os seus nomes em silêncio, como sempre fazia quando achava que podia haver problemas. Era um hábito prático, mas também reconfortante. As lâminas eram as suas companheiras. Gostava de saber que estavam prontas para o que quer que a noite trouxesse.



Avistou Kaz e os outros reunidos perto do grande arco de pedra que marcava a entrada leste da Bolsa. Três palavras estavam esculpidas na rocha acima deles: *Enjent*, *Voorhent*, *Almhent*. Indústria, Integridade, Prosperidade.

Manteve-se perto das lojas fechadas que ladeavam a praça, evitando os focos de luz tremeluzente projetados pelos candeeiros de rua. Enquanto avançava, reviu o grupo que Kaz trouxera consigo: Dirix, Rotty, Muzzen e Keeg, Anika e Pim, e os seus adjuntos escolhidos para a negociação daquela noite, Jesper e Big Bolliger. Empurravam-se e esbarravam uns nos outros, rindo, batendo os pés contra a vaga de frio que surpreendera a cidade naquela semana, o último suspiro do inverno antes do início da primavera. Eram todos brutamontes e brigões, selecionados entre os membros mais jovens dos Dregs, as pessoas em quem Kaz mais confiava. Inej reparou no brilho das facas enfiadas nos cintos, nos tubos de chumbo, nas correntes com pesos, nos cabos de machados cravejados com pregos enferrujados e, aqui e ali, no brilho oleoso do cano de uma arma. Deslizou em silêncio para junto do grupo, examinando as sombras perto da Bolsa em busca de sinais de espíões dos Black Tips.

— Três navios! — anunciou Jesper. — Foram enviados pelos Shu. Estavam ancorados no Primeiro Porto, com os canhões à mostra, bandeiras vermelhas hasteadas e carregados de ouro até ao cimo dos mastros.

Big Bolliger assobiou baixinho.

— Gostava de os ter visto.

— Gostava de os ter roubado — retorquiu Jesper. — Metade do Conselho Mercantil estava presente, todos eles muito agitados e confusos, sem saberem o que fazer.

— Eles não querem que os Shu paguem as dívidas? — perguntou Big Bolliger.

Kaz abanou a cabeça, o cabelo escuro refulgente à luz do candeeiro. Todo ele era um amontoado de arestas rígidas e contornos

bem definidos: queixo afilado, corpo magro, casaco de lã bem ajustado nos ombros.

— Sim e não — disse ele, com a voz rouca. — É sempre bom ter um país preso por uma dívida. Torna as negociações mais amigáveis.

— Talvez os Shu estejam fartos de ser amigáveis — disse Jesper. — Eles não precisavam de ter enviado aquele tesouro todo de uma vez. Achas que foram eles que despacharam o embaixador comercial?

Os olhos de Kaz encontraram Inej na multidão. Ketterdam estava a fervilhar há semanas com o assassinato do embaixador. O episódio quase destruiu as relações entre Kerch e Zemeni e causou um alvoroço no Conselho Mercantil. Os Zemeni culpavam os Kerch. Os Kerch suspeitaram dos Shu. Kaz não queria saber quem tinha sido o mandante; o assassinato fascinava-o porque ele não conseguia perceber como tinha sido cometido. Num dos corredores mais movimentados da Stadhall, à vista de mais de uma dezena de funcionários do Governo, o embaixador comercial de Zemeni entrou numa casa de banho. Mais ninguém entrou ou saiu, mas quando o seu assistente bateu à porta alguns minutos depois, não houve resposta. Quando arrombaram a porta, encontraram o embaixador deitado de bruços sobre os azulejos brancos, com uma faca nas costas e a torneira do lavatório aberta.

Kaz enviou Inej para investigar o local fora de horas. A casa de banho não tinha outra entrada, nem janelas ou aberturas de ventilação, e nem mesmo Inej dominava a arte de se esgueirar através da canalização. No entanto, o embaixador de Zemeni estava morto. Kaz detestava um enigma que não conseguia resolver, e ele e Inej tinham inventado centenas de teorias para explicar o assassinato — nenhuma delas satisfatória. Mas tinham assuntos mais urgentes a tratar naquela noite.



Ela viu-o sinalizar para Jesper e Big Bolliger se livrarem das armas. A lei da rua ditava que, para uma negociação deste tipo, cada tenente fosse acompanhado por dois dos seus soldados e que todos estivessem desarmados. *Negociação*. A palavra soava a engano — estranhamente formal, antiquada. Não importava o que a lei da rua decretasse, esta noite cheirava a violência.

— Vamos, entrega as armas — disse Dirix a Jesper. Com um grande suspiro, Jesper removeu os cintos de armas da cintura. Inej tinha de admitir que ele não parecia o mesmo sem elas. O atirador de elite Zemeni era alto, de pele morena, e não parava quieto. Pressionou os lábios contra os cabos de madrepérola dos seus preciosos revólveres, despedindo-se de cada um com um beijo triste.

— Cuida bem dos meus bebês — disse Jesper, quando os entregou a Dirix. — Se vir um risco ou uma marca em algum deles, vou escrever «perdoa-me» no teu peito com buracos de bala.

— Não desperdiçarias a munição.

— E ele estaria morto antes de chegares a meio da palavra — disse Big Bolliger, enquanto deixava cair um machado, uma faca e a sua arma preferida (uma corrente grossa com um cadeado pesado) nas mãos expectantes de Rotty.

Jesper revirou os olhos.

— O que interessa é passar a mensagem. De que adianta ter um tipo morto com «perd» escrito no peito?

— Meio termo — disse Kaz. — «Perdão» faz o mesmo efeito e usas menos balas.

Dirix riu-se, mas Inej reparou que ele foi particularmente cuidadoso com os revólveres de Jesper.

— E isso? — perguntou Jesper, apontando para a bengala de Kaz. Este riu-se baixinho e sem convicção.

— Quem negaria a bengala a um pobre aleijado?

— Se o aleijado fores tu, todos os homens com juízo.

— Então, ainda bem que vamos encontrar-nos com o Geels.
— Kaz tirou um relógio do bolso do colete. — É quase meia-noite.

Inej olhou para a Bolsa. Era pouco mais do que um grande pátio retangular cercado por armazéns e escritórios de expedição. Mas, durante o dia, era o centro nevrálgico de Ketterdam, a fervilhar com mercadores ricos que compravam e vendiam participações nas viagens comerciais que passavam pelos portos da cidade. Agora, estavam quase a soar as 12 badaladas, e a Bolsa estava deserta, exceto pelos guardas que patrulhavam o perímetro e o telhado. Tinham sido subornados para fazerem vista grossa durante a negociação desta noite.

A Bolsa era uma das poucas partes que restavam da cidade que não havia sido dividida e reivindicada nas incessantes escaramuças entre os bandos rivais de Ketterdam. A ideia era ser território neutro. Mas essa neutralidade escapava a Inej. Parecia o silêncio da floresta antes de a armadilha se fechar e o coelho começar a urrar. Parecia uma armadilha.

— Isto é um erro — disse ela. Big Bolliger assustou-se; não sabia que ela estava ali. Inej ouviu a alcunha que os Dregs lhe tinham dado a ser sussurrada entre as fileiras: *Espetro*. — O Geels está a tramar alguma.

— Claro que está — concordou Kaz. A sua voz tinha a textura áspera e desgastada de pedra a bater em pedra. Inej sempre se perguntou se ele já soava assim quando era miúdo. Se ele alguma vez tinha sido miúdo.

— Então, porque vieste aqui esta noite?

— Porque é essa a vontade do Per Haskell.

Homem velho, costumes antigos, pensou Inej, mas não disse nada, e desconfiou que os outros Dregs estivessem a pensar o mesmo.

— Vamos perder a vida por causa dele — disse ela. Jesper esticou os braços longos acima da cabeça e sorriu, os dentes brancos



contra a pele escura. Ainda não tinha largado a espingarda, e a sua silhueta nas costas dele fazia-o parecer um pássaro desajeitado e de pernas compridas.

— Estatisticamente, só *alguns* de nós é que vamos perder a vida por causa dele.

— Isto não tem piada — respondeu ela. Kaz lançou-lhe um olhar divertido. Ela sabia como soava: severa, picuinhas, como uma velha rezingona a fazer profecias terríveis na varanda de casa. Ela não gostava disso, mas também sabia que tinha razão. Além disso, as mulheres mais velhas sabem do que falam, ou não teriam vivido anos suficientes para acumularem rugas e gritarem da varanda de casa.

— O Jesper não está a brincar, Inej — disse Kaz. — Está a calcular probabilidades.

Big Bolliger estalou os dedos enormes.

— Bem, tenho cerveja e uma frigideira de ovos à minha espera no Kooperom, por isso, não serei eu a morrer esta noite.

— Apostamos? — perguntou Jesper.

— Não vou apostar na minha própria morte.

Kaz colocou o chapéu na cabeça e passou os dedos enluvados pela aba numa rápida saudação.

— Porquê, Bolliger? Fazemo-lo todos os dias.

Ele tinha razão. A dívida de Inej para com Per Haskell significava que ela arriscava a vida sempre que aceitava uma nova tarefa ou missão, sempre que saía do seu quarto no Slat. Aquela noite não foi diferente.

Kaz bateu com a bengala contra as pedras do piso quando os sinos da Igreja de Barter começaram a tocar. O grupo ficou em silêncio. A hora da tagarelice tinha chegado ao fim.

— O Geels não é inteligente, mas é esperto o suficiente para causar problemas — disse Kaz. — Ouçam o que ouvirem, não se juntem à confusão, a menos que eu dê a ordem. Mantenham-se



alerta. — Em seguida, acenou brevemente para Inej. — E escondam-se.

— Sem lutos — disse Jesper, enquanto atirava a espingarda a Rotty.

— Sem funerais — murmuraram os restantes Dregs em resposta. Entre eles, isso significava «boa sorte».

Antes que Inej pudesse desaparecer nas sombras, Kaz tocou-lhe no braço com a bengala com pega em forma de cabeça de corvo.

— Fica atenta aos guardas do telhado. O Geels pode ter alguém infiltrado.

— Então... — começou Inej, mas Kaz já estava longe.

Inej levantou as mãos em sinal de frustração. Tinha centenas de perguntas, mas, como sempre, Kaz mantinha as respostas em segredo.

Correu em direção à parede da Bolsa que dava para o canal. Apenas os tenentes e os seus adjuntos estavam autorizados a participar na negociação. Mas, por precaução, caso os Black Tips tivessem alguma ideia em contrário, os outros Dregs estariam à espera do lado de fora do arco Leste com as armas em punho. Ela sabia que Geels teria o seu bando de Black Tips fortemente armados reunido na entrada Oeste.

Inej entraria por sua conta. As regras de conduta entre bandos eram do tempo de Per Haskell. Além disso, ela era o Espetro — a única lei que se aplicava a ela era a lei da gravidade, e dias havia em que até essa era violada.

O piso térreo da Bolsa era dedicado a armazéns sem janelas. Inej procurou um algeroz para subir. Algo a fez hesitar antes de agarrar o cano. Tirou um globo luminoso do bolso e sacudiu-o, lançando um brilho verde-pálido sobre o cano. Estava escorregadio de óleo. Seguiu a parede, procurando outra opção, e encontrou uma cornija de pedra com uma estátua dos três



peixes voadores de Kerch. Pôs-se em bicos de pés e tateou a parte superior da cornija. Estava coberta de vidro moído. *Estão à minha espera*, pensou, com um sorriso sombrio.

Tinha-se juntado aos Dregs há menos de dois anos, poucos dias depois do seu 15.º aniversário. Tinha sido uma questão de sobrevivência, mas aprazia-lhe saber que, em tão pouco tempo, se tinha tornado alguém contra quem era preciso tomar precauções. Mas se os Black Tips julgavam que estes truques iriam impedir o Espetro de alcançar o seu objetivo, estavam muito enganados.

Tirou dois ganchos de escalada dos bolsos do colete acolchoado e enfiou primeiro um e depois o outro entre os tijolos da parede enquanto se içava para cima, os pés em busca de qualquer apoio ou saliência na pedra. Quando era mais nova, aprendeu a andar na corda bamba descalça. Mas as ruas de Ketterdam eram demasiado frias e molhadas para isso. Depois de algumas quedas mais complicadas, pagou a um Grisha Fabrikator que trabalhava em segredo a partir de uma destilaria de gin na Wijnstraat para lhe fazer um par de chinelos de couro com solas de borracha rugosas. Encaixavam perfeitamente nos seus pés e agarravam qualquer superfície com segurança.

No segundo piso da Bolsa, içou-se para uma saliência na janela, larga o suficiente para se apoiar.

Kaz tinha tentado ensiná-la, mas ela não tinha os seus dentes de arrombador, por isso, precisou de algumas tentativas para conseguir abrir a fechadura. Por fim, ouviu um clique satisfatório e a janela abriu para um escritório deserto, com as paredes cobertas de mapas marcados com rotas comerciais e quadros com os preços das participações e os nomes dos navios. Baixou-se para entrar, trancou a fechadura e passou pelas mesas vazias com as suas pilhas organizadas de pedidos e registos.

Passou por um conjunto de portas estreitas até chegar a uma varanda com vista para o pátio central da Bolsa. Todos os escritórios

de expedição tinham uma. Dali, os mensageiros anunciavam novas viagens e chegadas de mercadorias, ou penduravam a bandeira preta que indicava que um navio se tinha perdido no mar com toda a sua carga. O chão da Bolsa entrava em alvoroço com uma agitação de negociações, os mensageiros espalhavam a notícia por toda a cidade e os preços das mercadorias, dos futuros e das participações nas viagens que estavam programadas subiam ou desciam. Mas, naquela noite, tudo estava em silêncio.

Uma brisa subia do porto, trazendo consigo o cheiro a mar e agitando os cabelos soltos que escaparam da trança na nuca de Inej. Lá em baixo, na praça, ela avistou a dança da luz das lanternas e ouviu o barulho da bengala de Kaz nas pedras enquanto ele e os seus adjuntos atravessavam a praça. Do outro lado, viu um segundo conjunto de lanternas que vinha na sua direção. Os Black Tips tinham chegado.

Inej levantou o capuz. Posicionou-se em cima da grade e saltou silenciosamente para a varanda vizinha, depois para a seguinte, seguindo Kaz e os outros pela praça, mantendo-se o mais perto possível. O casaco escuro dele ondulava com a brisa salgada, o seu coxear mais pronunciado à noite, como sempre acontecia quando arrefecia. Conseguia ouvir o tagarelar animado de Jesper e o riso grave e estrondoso de Big Bolliger.

Ao chegar ao outro lado da praça, Inej viu que Geels tinha optado por levar Elzinger e Oomen, tal como ela tinha previsto. Inej conhecia os pontos fortes e fracos de todos os membros dos Black Tips, já para não falar dos Harley's Pointers, dos Liddies, dos Razorgulls, dos Dime Lions e de todos os outros bandos que atuavam nas ruas de Ketterdam. Competia-lhe saber que Geels confiava em Elzinger porque haviam subido juntos na hierarquia dos Black Tips e porque Elzinger era forte como um touro — com mais de dois metros de altura, musculoso, rosto largo e achatado, pescoço grosso como um poste.





Ketterdam é um lugar onde tudo
pode ser obtido pelo preço certo —
e ninguém sabe disso melhor do que
o prodígio criminoso Kaz Brekker.

Convidado a participar num assalto mortal que
pode torná-lo rico além dos seus sonhos, Kaz,
um ladrão com um dom para fugas improváveis,
decide formar uma equipa de elite para o ajudar:

Um condenado com sede de vingança
Um atirador que aceita qualquer aposta
Um fugitivo com um passado privilegiado
Uma espia conhecida como o Espetro
Uma Heartrender que usa a sua magia para sobreviver

**A equipa de Kaz é a única coisa capaz
de impedir a destruição do mundo.
Isto é, se os seis não se matarem
uns aos outros primeiro.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretocietypt](https://www.instagram.com/secretocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-599-157-3



9 789895 891573